

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Corantim Class.: 11

Data: ago 18/81 Pg.:

Contato definitivo:

**Índios de Coxodoá  
ameaçados pela BR-230**

Pela terceira vez os missionários, Pe. Gunter e Francisco Loebens entraram com os índios do Coxodoá, assim tratados por viverem nos igarapés Coxodoá e Pretão, no Riozinho, afluente do rico Cunhuá, região do Purus, no Estado do Amazonas. Este contato ficou marcado por um fato particular. Foi o primeiro da história com este grupo arredio, em que os brancos foram hóspedes durante três dias na Grande Maloca onde conviveram com os indígenas. De presente deram a pedido deles um cachorro, que a princípio tiveram muito medo dele. Já na maloca se acostumaram com o animal.

Índios guerreiros e brincalhões, foi no entanto, com a primeira postura que encontraram os dois missionários. Já quando se encontravam no varadouro, os dois indígenas da frente saltaram correndo com arcos e flechas apontadas prestes a flecharem os visitantes. Segundo o que deixaram transparecer foi mais uma demonstração do que propriamente animosidade, porque a seguir passaram a fazer várias perguntas que não puderam ser respondidas tendo em vista que ninguém entendia sua língua.

Essas palavras foram anotadas e feita uma confrontação com a língua *Aruak*, de onde chegaram a conclusão que a língua que os indígenas de Coxodoá falam pertence a este grupo linguístico. Estimam o total do grupo em 80 pessoas, que vivem juntos na Grande Maloca embora usem outras malocas durante os trabalhos nas distantes roças. Afirmam serem eles uma tribo guerreira decidida a evitar qualquer contato excessivo com os brancos.

Na primeira noite do contato não quiseram que os missionários dormissem com eles na maloca e os levaram para uma maloca ao lado, onde ataram as redes. Na segunda noite já deixaram que dormissem com eles. Os missionários ajudaram, também, a carregar uma anta que tinham matado. Comida, como das outras

vezes não faltou. Ao contrário traziam mais do que necessário principalmente com relação às frutas.

*POR CONTA PRÓPRIA*

O tratamento que os indígenas dispensaram aos dois missionários tinha um misto de violência e brincadeira. Se impoem, mesmo que para isso tenham de usar violência. Mostraram claramente que os missionários servem para nada mais do que, trazer terçados e machados. Por outro lado brincaram com eles demonstrando, talvez, que podiam suportá-los naturalmente.

O espírito brincalhão está ameaçado pela construção da BR-230, a Transamazônica (trecho Lábrea-Benjamim Constant), que avançará por cima de suas malocas. Apressados em evitar a entrada de estranhos na área indígena. Só agiram deste modo porque há um ano atrás quando houve o primeiro contato, os missionários pediram a interdição da área pela Funai. O órgão tutor nada fez, daí a explicação para a iniciativa deles.

O CIMI atua desde 1978 na área dos rios Cunhuá e Tapuá, levando o projeto de contatação dos índios do Coxodoá, e dando igualmente apoio aos indígenas Banauá-Yafi, Paumari e Deni. A equipe iniciou também o trabalho de contatação de um grupo de indígenas arredios no Rio Branco. Até agora nada foi conseguido, mas já foram dados alguns indícios. Sabe que estes índios se localizam acima da forquilha branca. Também há indícios de que estes indígenas não tem morada fixa e variam entre 15 a 60 indivíduos e possivelmente não são os mesmos do *Igarapé Pretão*.

A Funai, recentemente, anunciou que pretende fazer um contato com os índios do Coxodoá. Espera-se que o órgão cumpra as determinações do Estatuto do índio, no sentido de providenciar a urgente demarcação dessa área.